



# ○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

## Editorial

A Zinha, numa das suas encantadoras crónicas, parece-nos de Setembro, dáva-nos conta que num domingo, manhã cedo, avistara o Gustavo (Costa) com um martelo na mão. «Odiá, Tavinho, onde vais tão cedo, de martelo na mão?» «Oh! vou ali pregar uma tábua naquele pontão do Minguinhos, porque se não, ainda vai cair alguém ao rio».

Também nós, um dia destes — já lá vão que meses! — deparámos com um dos irmãos Matias — não nos recorda agora se era o Zeca ou o Casimiro — munido de um comprido arame com o qual tentava limpar o tanque ou lagozinho que se encontra ali no Cortinhal. Estava cheio de folhetas, frascos, plásticos e panos.

Aqui temos duas atitudes exemplares de quem se sente conscientemente fangueiro. Com efeito a terra onde nascemos ou que adoptamos como nossa, é de facto nossa tanto quanto o são uma casa ou uma quinta que nos pertence. Sendo nossas, devemos estimá-la, preservá-la, defendê-la de quaisquer agentes agressivos. O pior é que muita gente não adopta este relacionamento da forma como o expomos. Lá que se defenda a casa ou a quintarola, muito bem. Agora importárm-nos do mesmo modo com a terra onde habitámos, isso já é outra ordem de ideias. Infelizmente muitos pensam assim.

De facto coabitam em cada terra dois tipos de cidadãos. Existem aqueles que vivem para si e para os seus; quanto aos outros ou mais alargadamente, quanto à sua circunstância, limitam-se a pagar os impostos e o Estado que se arranje. Há por outro lado aqueles cidadãos que cumprem as suas obrigações fiscais, vivem para os seus, mas importam-se ainda com aquilo que os cerca, tanto social como fisicamente. É deste último grupo que saiem os filantropos, os dirigentes associativos e os bairristas. Todos eles se preocupam com algo que existe para além de si.

Os fangueiros têm fama de ser bairristas e não há dúvida que são diversas as suas manifestações pelo bairro, maxime, a criação da Santa Casa da Misericórdia.

Uma pergunta muito a propósito: esse bairrismo que sinalizou a terra e a distinguiu das suas congéneres ainda existe? Nós diremos que para determinadas coisas os fangueiros ainda revelam certo brio. Quando resolvem actuar à Fão, ninguém os excede. Outras vezes, por falta de compreensão global de determinados actos, obstinam-se fanaticamente contra a sua realização que no fundo só viria beneficiar a terra. Em muitos casos assistem passivos a certas atitudes que são autênticos atentados contra a beleza e a imagem da terra, quando não são comparsas ou coniventes nas amostras de desleixo que Fão exhibe.

Dirão alguns leitores mais insatisfeitos com a inclemência do nosso discurso: mas esses autênticos atentados, essas atitudes de desleixo, não devem estar sob a alçada da Junta? Da Junta, sim, e de nós todos também.

Em cada um de nós deve morara um pedaço de Gustavo e dos Irmãos Matias. A terra é nossa e não dos outros. E se gostamos de trazer a nossa casa pintada, limpa, arejada e atraente, o mesmo devemos exigir para a terra que dizemos amar.

Seguindo ainda as pisadas de Querubim Evangelista, Francisco Dias dos Santos Borda rodeou-se de «outro artista engenhoso, de nome Mujo, de Fonteboa, para os trabalhos que ia tentar». Mais à frente, tenta identificar este mestre Mujo com Inácio Mujo, que construiu em 1891 o caíque *Passarinbo*. As datas conhecidas não ajudam a esta identificação. Com efeito, no citado livro do dr. Amândio, o primeiro barco atribuído a Francisco Dias dos Santos remonta ao ano de 1836 e o último, ao ano de 1857. Ambos ou o primeiro teria a assistência de Mestre Mujo o que inviabiliza a data de 1891 para o mesmo mestre lançar à água um barco da sua responsabilidade.

Pelo que nos disseram os seus familiares, e pelo que lemos em Q. E., o nosso perfil de hoje teve dois filhos. Um, recebeu o mesmo nome do pai e foi oficial de marinha mercante. O outro chamava-se Manuel Dias dos Santos Borda, foi um operoso construtor naval e o tronco de várias famílias Borda existentes em Fão: P.e Avelino, P.e Néné, Querubim e Georgina.

Onde teriam sido os primeiros estaleiros? É voz corrente que a princípio funcionaram no Cortinhal e, depois, a juzante da ponte, no

(Continua na pág. 2)

## O Novo Fangueiro distinguido

Um dia destes bateu-nos à porta, pela segunda vez, no espaço de meia hora. Era Sebastião Moutinho, um habitué da nossa praia, com casa no pinhal de Ofir há mais de 40 anos. Casa de família, diga-se, que ele não é tão velho como isso.

Sócio do Clube Náutico, começou a receber desde há tempos «O Novo Fangueiro», como aliás todos os associados daquela agremiação. Vinha pagar a assinatura e dava também como novo assinante a sua empresa. Quería ainda um anúncio no nosso jornal «que gostava muito de ler».

Para quem tem a responsabilidade de uma publicação, atitudes destas contam, pesam e agradam. No fundo, isto quer dizer que Fão conta com um grande capital e social ao seu dispor. Com efeito, as relações pessoais entre Sebastião Moutinho e o Director de «O Novo Fangueiro» não tem sido intensas. Ao distinguir o nosso jornal S. M. quis traduzir a grande estima que nutre pela nossa terra. O seu nome tem aparecido à frente dos grupos que periodicamente se tem batido pela preservação do pinhal, nomeadamente da sua limpeza.

Não é impunemente que se calcorream os caminhos de Ofir há já umas dezenas de anos. Ganha-se amor a isto.

A Sebastião Moutinho, em nome da terra fanguetra, o nosso bem baixa.

## O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

### FRANCISCO DIAS DOS SANTOS BORDA

(Continuação)

Francisco Dias dos Santos Borda, para além de se revelar um cidadão prestável, foi construtor naval. No dizer de Querubim Evangelista, fundou os estaleiros navais em Fão. Vamos citar exactamente as suas palavras: «A este homem se deve a abertura dos trabalhos de construção naval e a criação dos respectivos Estaleiros em local assim designado de futuro». Tanto quanto nos ajuda o livro de Bernardino Amândio, recentemente publicado, (1) a construção naval na terra fanguetra recua para os tempos mais remotos. Pelo mesmo para os tempos de João II e D. Manuel I.

São de admitir alguns hiatos, algumas crises e uma delas deve ter ocorrido em finais do século XVIII. Francisco Dias dos Santos Borda nas primeiras décadas de oitocentos ter-se-á limitado a reavivar em Fão uma indústria ou arte que em Esposende já caminhava sem muletas. Teria sido com esse fito que ele se transmudaria para Fão. Ao contrário Q. E. defende a ideia que Francisco Borda só se abalçou à construção de barcos depois de estar em Fão. Diz a propósito: «Impressionado pela beleza do Cávado, F. D. S. B. lembrando-se do seu possível aproveitamento, tornou-se construtor».

## FRANCISCO DIAS DOS SANTOS BORDA

(Continuado da pág. 1)

lugar que ainda hoje se designa por «estaleiro». Há ainda uma outra versão: os primeiros estaleiros teriam funcionado na praia. Esta novidade fomos colhê-la no «Esposendense» n.º 444, de 1915 (por incrível que pareça o jornal não menciona nem o mês nem o dia) de autoria de um tal Fangueiro n.º 2. Diz assim o articulista: «Por uma informação que reputo séria, embora o informador seja um novo, direi que se construíram os primeiros navios na nossa praia, nos «Fieiros», mas desde que o mar enguliu um ao descer a carreira, resolveram mudar para o rio».



Como o leitor já concluiu, esta conjectura não tem valor histórico por dois motivos: nem o autor do artigo se identifica nem por

sua vez revela o nome do seu jovem informante, o que retira qualquer credibilidade às suas divagações. A história sem o apoio de documentos não é história.

De ciência certa sabe-se que os primeiros estaleiros foram no Cortinhal e, depois de concluída a ponte em 1891, passaram para juzante da mesma. Os dois estaleiros, o do Cortinhal, e o que se situou abaixo da ponte, chegaram a trabalhar simultaneamente. Os barcos que se construíam no Cortinhal, após 1891, ainda passavam sob a ponte sem mastros, que eram colocado depois. Nas Pedreiras chegaram a funcionar dois estaleiros já depois da entrada no séc. XX. Não havendo notícias do seu posicionamento, nós inclinamo-nos pelo sítio do Caldeirão.

Francisco Dias dos Santos Borda foi o reiniciador da indústria naval em Fão, o que veio conferir à terra uma certa hegemonia em relação às suas congêneres concelhias. Descortinamos uma certa similitude entre o progenitor da família Borda e Raul de Sousa Martins. Nenhum deles nasceu em Fão. No entanto foram referências marcantes na terra fangeira. É que há um Fão antes de Sousa Martins e um Fão depois dele. Considerando também que as construções navais na terra fangeira desenvolveram várias indústrias, nomeadamente de pregos, de ferragens, de tintas, de madeira, e aqui despoletaram gerações de marinheiros, podemos dizer que também houve um Fão antes de Francisco Dias dos Santos Borda e um Fão depois. A partir de 1935, data do último barco construído, Fão entrou a definhar até que a lufada de turismo a revitalizou.

De Francisco Dias dos Santos Borda se poderá dizer que além de benemérito ilustre, foi igualmente uma alavanca do progresso de Fão.

(1) Os estaleiros navais de Esposende e Fão nos séculos XVIII e XIX.

## Conterrâneo ajuda conterrâneo

É agradável constatar a ascensão económica e social de alguns conterrâneos e o nosso contentamento duplica quando verificamos que esses fangeiros não esquecem a terra que os viu nascer e sempre que podem deitam a mão ou facilitam a vida a outros conterrâneos em tempos de apuro.

Esta contaram-no-la há dias. O Daniel Furtada tem trabalhado habitualmente na Venezuela. De vez em quando, raramente, vem a Fão. Estes últimos meses tem estado cá. Viúvo, com 64 anos, preparava-se para embarcar de novo, rumo à América do Sul, onde exerce a profissão de marceneiro. Já com o bilhete comprado, foi despedir-se do conterrâneo e amigo, António Sá Pereira.

O diálogo foi amistoso. Deve dizer-se que o Consul da Coreia do Sul, no Porto, e todos os moços da sua zona etária nutrem pelo Daniel uma certa... como havemos de dizer?... admiração ou lembrança dessa admiração. O Daniel, há quarenta e tantos anos atrás, pontificava na JOC, em Fão. Era a primeira figura dos teatros, das cantorias, da animação. O Prior Nogueira morria por ele. Ainda nos recorda o fascínio que exerceu sobre nós quando uma vez no palco, exemplarmente fardado, cantou «O Soldado Português», em boa voz de barítono. (Lembras-te, Raimundo?). Pelos dias fora, meses e anos permaneceu uma réstea dessa admiração.

O António Sá Pereira, enquanto falava com o seu interlocutor, deve-se ter lembrado disto tudo e a certa altura pergunta-lhe:

— Por que é que não ficas cá?

— Não vejo como.

— Pode ser que aqui na casa se arranje qualquer coisa. Via lá abaixo ao Xico Regina (outro fangeiro) e pergunta-lhe se não há trabalho para ti.

O Daniel foi e já não voltou. O Xico, solidariamente reguila, enfiou-lhe logo um fato macaco e quando o dono da Reimeli foi ver o que havia, encontrou os dois muito atarefados a trabalhar.

Ambos vão e vêm numa carrinha da casa e o ordenado que o Daniel aufere é maior do que aquele que ia ganhar na Venezuela. Conseguiu ainda recuperar o dinheiro do avião.

A história quase nos comoveu (nem é preciso muito), mas sobretudo encheu-nos de contentamento. Conterrâneo ajuda conterrâneo.

## AO COMPUTADOR

O leitor já se deu conta que passou a receber «O Novo Fangueiro» com a direcção computadorizada.

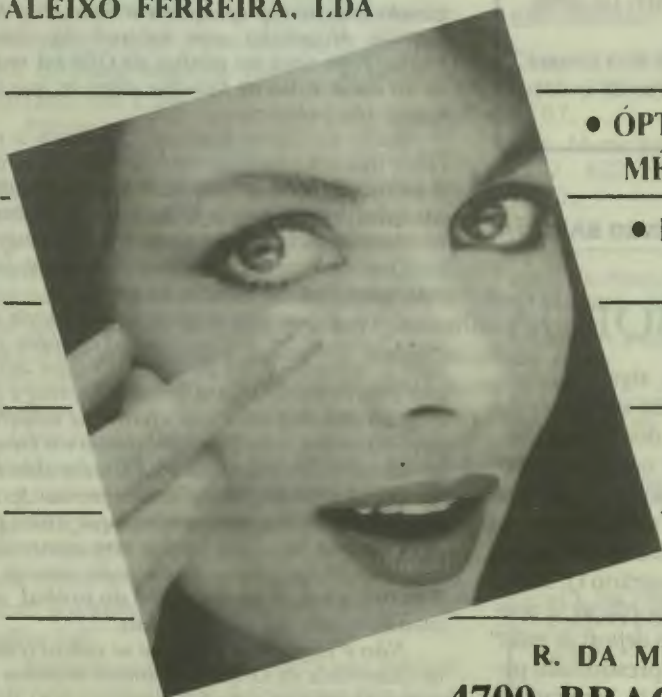
Passar mais de 1000 fichas para o computador foi um trabalhinho que roubou meses de boras de folga a Rui Armando Pereira Saraiva. Para o desempenho desta tarefa teve que se «adentrar» no computador, domesticá-lo e extrair dele uma listagem completa de assinantes, arrumadas em códigos postais e arruamentos.

Agradecemos que nos enviassem as direcções certas, com nome de ruas, código postal, etc.

Ao Rui Armando o nosso muito obrigado.

## ÓPTICA Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA



• ÓPTICA  
MÉDICA

• LENTES DE  
CONTACTO

• APARELHOS  
DE PRECISÃO

R. DA MISERICÓRDIA, 6/12  
4700 BRAGA ☎ 7 57 77

# ESTAÇÃO RADIONAVAL DE APÚLIA FESTEJOU O SEU 40.º ANIVERSÁRIO

Com a honrosa presença do Vice-Chefe do Estado Maior da Armada, Vice-Almirante Machado da Silva, a Estação Radionaval Almirante Ramos Pereira, instalada na Apúlia, festejou no passado fim-de-semana o seu 40.º aniversário. O evento trouxe até àquela prestimosa unidade da Marinha o Chefe do departamento Marítimo do Norte, Presidentes da Câmara de Esposende e Póvoa de Varzim, capitães dos portos, comandante do Batalhão de Administração Militar, oficiais superiores de Marinha e antigos elementos da Radionaval.

nardino Amândio, que apresentou um notável trabalho de investigação. Falou da Lagoa Negra e da exploração aurífera na região.

O vice-almirante Moura da Fonseca evocou o almirante Ramos Pereira: o cidadão, o cientista, o marinheiro.

As duas palestras, criteriosamente escolhidas para aquela efeméride, receberam dos convidados prolongados aplausos.

Seguiu-se a tocante homenagem aos elementos da guarnição já falecidos com deposição de flores no busto do almirante Ramos Pereira, e toques pelo terno de clarins da Ar-

mada. A chave de ouro dum programa que vivava não só destacar a criação, em 1950, Estação Radionaval, como homenagear o seu patrono e fundador, Almirante Ramos Pereira, um distinto oficial da Marinha nascido em Vila Praia de Âncora.

Depois de um informal porto de honra e da cerimónia protocolar do arriar da Bandeira Nacional, o director da Estação ofereceu, na sua residência, um jantar em honra das entidades convidadas.

JOSÉ DE AZEVEDO

«Voz da Póvoa», 25/1/1990



O programa teve início no sábado, dia 20 de Janeiro, pelas 16,30 horas. No Salão Paroquial de Apúlia, a Banda da Armada dava um concerto como homenagem à comunidade local. No reportório, obras de John Philip de Sousa, Tchaikovsky, Fortunato de Sousa, Dennis Famon, Rossini, Jef Penders, Harold Walters e Araújo Pereira, actual maestro da Banda.

Referida já na Armada em 1740 como «Música Marcial» e conhecida mais tarde como a «Banda dos Marinheiros», fazia-se aplaudir com entusiasmo em países estrangeiros «quando acompanhava nas viagens a família Real».

Cabe ainda à Banda dos Marinheiros o primeiro disco gravado em Portugal, tendo sido encontrado em Hanover esse registo de 3 de Abril de 1903.

No ano de 1922 efectua uma digressão ao Brasil acompanhando o presidente da República por ocasião do centenário daquele país-irmão. A partir daí, e agora como «Banda da Armada» os êxitos repetem-se tanto em Portugal como em França como nas regiões autónomas da Madeira e Açores.

Sob a regência do maestro tenente José Joaquim de Araújo Pereira (iniciou os seus estudos musicais com a professora Emília Fão, em Seixas, Caminha) a «Banda da Armada» deliciou o público que encheu completamente o Salão Paroquial.

No domingo, foi o dia das comemorações «oficiais». Pelas 15,30 horas, no Salão Convívio, coube ao capitão-tenente António Augusto Pinto Bastos, director da Estação Radionaval, as palavras de boas-vindas. Falou da Estação, do seu passado e na acção a desempenhar no futuro.

Para falar dos «Marinheiros da Apúlia», daquela guarnição de Marinha e da sua inserção na sociedade, usou da palavra o dr. Ber-

## BCI Com uma rede de 20 agências até finais de 1989

*Integrando-se na sua estratégia de desenvolvimento, o BCI - Banco Comércio e Indústria, SA, tem vindo a alargar a sua rede de agências com a abertura de novos balcões nos centros de grande desenvolvimento económico, tendo chegado ao fim do ano com um total de 20 balcões.*

*O resultado da exploração ao fim dos primeiros nove meses foi de 2.406 m.c. antes de impostos. No ano anterior o resultado atingido havia sido de 1.142 m.c., o que representa um aumento de 111%.*

## SONETO

Vejo-me envolto no mistério imenso  
Do qual nem mesmo sonho a profundidade.  
Esbarro a cada passo na incerteza  
Da minha vida, nevoeiro denso.

Nunca pude saber se, quando penso,  
Sou livre ou prisioneiro. E que tristeza  
Eu sinto ao ver que nada tem firmeza  
Desde o astro brilhante ao mar extenso.

E se às vezes, em noite enluarada,  
Pergunto ao Céu a causa do Existente,  
Ninguém responde. O firmamento é mudo.

Matéria Eterna, o Tempo, o Tudo, o Nada,  
São simples gritos d'alma atribulada  
Que, cega de nascer, quer ver tudo!

ÁLVARO CÔRTE REAL

## Uma partida... à Fão

Esta foi-nos contada pelo dr. Carvalho, o grande recolector do anedotário fangueiro. Foi no mês de Junho, mês dos santos populares, dos festejos. Uma comissão formou-se para comemorar S. Pedro, cá na terra, mais propriamente, no Ramalhão. Muita gente no arraial. A certa altura uma «embaixada» constituída pelo Martini, pelo Cooper, o tal do pol...dro, e ainda por uma outra personagem a quem os comparsas tratavam por «Sr. Engenheiro», foi abancar numa «esplanada». Lá para as tantas, os da «embaixada» reclamaram a presença da Comissão pois o «Sr. Engenheiro» queria dar 50 contos para ajudar nas despesas. Apresentou-se logo um responsável disposto, aliás ansiosamente disposto, a receber tão preciosa ajuda.

«Assim, não!», diz-lhe alguém da «embaixada» que já sabia que os outros comissionados àquela hora já estavam a dormir. «O Sr. Engenheiro gostaria de entregar o cheque ao grupo. Amanhã apareçam nos Tres Arcos». «Qu'está bem». E logo de seguida foi dada ordem ao dono do bar para servir o «sr. Engenheiro» e seus amigos. Assim terminou a noite.

No dia seguinte apresentam-se os da comissão nos Tres Arcos e pedem ao Cooper a entrega do cheque.

«Oh! Tiveram azar. saiu daqui agora mesmo o Martini e é ele quem tem o cheque».

Ao outro dia a comissão encontra o Martini: «Eh! pá, dá o cheque porque o Cooper disse-nos que és tu quem o tens». «É verdade, mas eu já o dei a Fulano. Ide ter com ele».

E assim andavam os da comissão da casa de Fulano para Beltrano, sempre à procura de um cheque que não mais aparecia, até que se deram conta, ou alguém os avisou, que afinal o «Sr. Engenheiro» era um rapaz do seu tempo, filho do João Carteiro, e que eles não reconheceram por há muitos anos se encontrar ausente de Fão. Consequentemente nem havia engenheiro nem tão pouco cheque algum.

Para que conste e para que assim seja transmitido à posteridade, deve dizer-se que a comissão aceitou com muito *fat play* a partida dos seus bem dispostos conterrâneos.

## DESPORTO

### REGIONAL DA 2.ª DIVISÃO

Últimos resultados:

Roriz, 2 - Fão, 1; Fão, 1 - Gandra, 0; Louro, 0 - Fão, 1; Fão, 4 - Necessidades, 0.

Neste período o Fão teve jogos mais difíceis, exceptuando o Necessidades. Os outros adversários mostraram mais pretensões. Feitas as contas o balanço é positivo.

A uma jornada do fim da primeira volta, estamos em primeiro lugar com apenas duas derrotas fora de casa. A primeira volta ficará completa com o próximo jogo em Apúlia, outro dos candidatos à subida, e esperamos não perder, para manter o 1.º lugar.

Desde o início que vimos dizendo que a equipa prometia, e então em terrenos secos, ainda melhor. Com adversários mais ou menos difíceis, os resultados estão à vista.

Esperamos e desejamos que a 2.ª volta seja igual.

Antes do jogo com o Gandra a nossa equipa fez um mini-estágio (dormida e pequeno almoço) no Hotel do Pinhal por amável deferência do seu proprietário, que é o Presidente do Clube.

### TORNEIO DE VETERANOS

Organizado por duas equipas da Póvoa de Varzim, com o Fão e o Apúlia a colaborar, têm-se realizado jogos de franco convívio para matar saudades e tirar a ferrugem. É de lembrar que as equipas da Póvoa são compostas por elementos que noutros tempos deram o seu contributo às equipas do concelho, principalmente a Fão e Apúlia. É de louvar a iniciativa dos nossos velhos companheiros.

Pela nossa parte temos dado o apoio possível e apresentamos a ocasião para registar e agradecer a «abertura» por parte da Direcção do C. F. de Fão.

Resultados dos jogos já realizados: Leões da Lapa, 4 - Fão, 1; Escola do Desterro, 1 - Fão, 1; Fão, 5 - Leões da Lapa, 1.

E já agora o nome dos velhos atletas que têm colaborado: Graça, Solinho, Manuel Pedras, José Cardoso, Dr. José Albino, Carva-

lho, Barra Reis, Toninho, Sobral, Agostinho, Lufs, Lufs Torre, Bernardino, João Lufs, Quim Chita, Manuel Cardoso, Carlos Pedras (Calio) Filipe, João Pedras e Jerónimo.

### AUMENTO DE COTAS

Em Assembleia realizada no dia 5 deste mês, foi ajustada nova tabela de cotas:

Menores de 14 anos — 100\$00.

Entre os 14 e os 65 anos — 250\$00.

Depois dos 65 anos — 200\$00.

JOÃO PEDRAS

### CONSELHO DE ARBITRAGEM DA ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE BRAGA

Os interessados a candidato a árbitro de futebol, devem ter a quarta classe e a idade de 18 aos 33 anos, as inscrições terminam em 15.2.90, e devem ser feitas por escrito para este Conselho.

### CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

#### AVISO

ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO, casado, industrial, natural e residente na freguesia de Apúlia, deste concelho e Presidente da Câmara Municipal de Esposende:

TORNA PÚBLICO, que a Assembleia Municipal de Esposende aprovou em Sessão Extraordinária, realizada em 23 de Novembro de 1989, o «REGULAMENTO DO MERCADO MUNICIPAL DE ESPOSENDE» que revoga na sua totalidade o anteriormente vigente, encontrando-se disponível na Secção Administrativa de Taxas, Licenças e Arquivo — Repartição Administrativa e Financeira — um exemplar para consulta, durante o horário do expediente, de todos os interessados.

Para constar e devidos efeitos se publica o presente aviso e outros de igual teor que vão ser publicados nos lugares públicos do costume.

Esposende e Paços do Concelho, 25 de Janeiro de 1990.

O Presidente da Câmara,  
*Alberto Queiroga Figueiredo*

## CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

### AVISO

ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO, casado, industrial, natural e residente na freguesia de Apúlia, deste concelho e Presidente da Câmara Municipal de Esposende:

TORNA PÚBLICO, que nos termos do regulamento em vigor sobre afixação e inscrição de mensagens de publicidade e propaganda, até ao final do próximo mês de Fevereiro, todos os proprietários de anúncios, reclamos, suportes ou painéis publicitários, deverão requerer nesta Câmara Municipal a sua legalização, sob pena de incorrerem nas infrações previstas e punidas pelas coisas previstas no art. 11.º do referido regulamento.

O pedido de licenciamento deve ser acompanhado dos seguintes elementos:

- Fotografias do local;
- Desenho do anúncio ou reclamo;
- Planta de localização;
- Memória descritiva, quando o requerimento não contenha os elementos necessários à sua apreciação.

Para constar e ninguém poder alegar desconhecimento se publica o presente aviso e outros de igual teor nos lugares de estilo e nos jornais de maior circulação da região.

Esposende e Paços do Concelho, 25 de Janeiro de 1990.

O Presidente da Câmara,  
*Alberto Queiroga Figueiredo*

## RIOTUR

Sociedade de Turismo do Parque do Rio, Sa

SEDE: OFIR - FÃO - ESPOSENDE  
CAPITAL SOCIAL: 6.000.000\$00

(Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Esposende, N.º 55)

### ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

#### CONVOCATÓRIA

Nos termos do Art.º 376.º do Código das Sociedades convoco os senhores accionistas de RIOTUR - SOCIEDADE DE TURISMO DO PARQUE DO RIO, SA, a reunirem, no próximo dia 17 de Março, pelas 15 horas, na sua sede social com a seguinte

#### ORDEM DE TRABALHOS

- Deliberar sobre o relatório de Gestão e as contas e também sobre o Relatório e Parecer do Conselho Fiscal relativos ao exercício de 1989;
- Deliberar sobre a proposta de aplicação de resultados;
- Proceder à apreciação geral da Administração e fiscalização da sociedade;
- Proceder à eleição dos Corpos Sociais para o triénio 1990/1992;
- Discussão de outros assuntos de interesse para a Sociedade.

NOTA: Nos termos do Art.º 384.º do código das sociedades comerciais, a cada acção corresponde um voto.

Ofir, 22 de Janeiro de 1990.

O Vice-Presidente da Assembleia Geral  
a) *Júlio José Cardoso e Silva de Oliveira*

# TRIÂNGULO JOTA

UMA COLECCÃO NOVA  
PARA GENTE NOVA



EDIÇÕES ASA



# PÁGINA JOVEM

**Olá, jovens! Então que tal, com este frio e com a gripe? Oxalá os «estragos» não sejam muitos, a saúde volte e o tempo melhore depressa!**

## GLORIOSOS TALHERES!

Por MARTA MARIZ MENDES

(Cont. do número anterior)

### CAPÍTULO III

#### OS NOVOS TALHERES

Numa manhã fria e húmida de Fevereiro, a Sr.<sup>a</sup> Sousa procurava talheres, um faqueiro.

Ao olhar para a montra embaciada de uma loja, viu luzir os talheres de um belo faqueiro e resolveu entrar.

— Bom dia! — cumprimentou a Sr.<sup>a</sup> Sousa.

— Bom dia! — diz o vendedor. — Que deseja, minha Senhora?

— Eu queria um faqueiro igual ao que está na montra, o que tem o forro cor-de-rosa.

— Com o forro cor-de-rosa... — pensou o vendedor. — Onde os terei posto? Aqui não está, aqui também... Ah! É este! — exclama depois de procurar muito bem. Tira-o da prateleira e pousa-o no balcão, abrindo-o para a Senhora Sousa e perguntando:

— É este, o da habitual marca, Péci?

— Não, não é esse!

— Então vamos até à montra ver qual é.

— É aquele! — disse, apontando.

— Pois, o da marca mais nova, a Lorum. Siga-me que já lho darei.

— Com certeza!

— Aqui os tem! — afirmou o vendedor, apresentando os talheres que tinham vindo da sua aldeia no dia anterior. — São excelentes. Pode pegar.

— São muito bonitos e também muito bons! Quanto custam?

— Custam 6.982\$00.

— Fico com eles! — E deu o dinheiro certinho, pegando no faqueiro logo de seguida.

— Bom dia e obrigada!

— Bom dia e passe bem!

(Continua)

## PAZ

Três mil e seis anos contados,  
(ou mais ou menos, não interessa);  
desse anos avançados  
pela ficção científica;

No chão jazem incontados  
as armas dos estadistas  
e corpos, muitos corpos,  
entre os quais provavelmente  
poetas e pacifistas.


A morte caiu, negra e repentina sobre todos os homens  
(inventores da música e da musa,  
da máquina e das Matemáticas,  
e que desde os tempos quaternários  
tinham meia dúzia de revolucionários  
que pediam e pregavam — esquecendo a utopia —  
a paz e a ecologia),

agora ninguém vive,  
ninguém mente ou destrói,  
ninguém inveja o dinheiro  
ninguém faz o pecado.

No descampado,  
em que o mundo jaz,  
uma música soa...  
leve, levada pelo vento...  
é de um pássaro que voa,  
e é alvo, traz a paz.

TOMÁS AQUINO

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE:

*Impetus* 

## PAUSA PARA SORRIR

Um sujeito atrevido vai na rua e vê uma senhora muito magra, toda vestida de verde. Trocista, exclama:

— Oh! Tanta salsa para tão pouco peixe!

Sem perder a compostura, a senhora replica, irónica:

— É tão pouca verdura para tão grande asno!...

★

Dois malucos conversam. A certa altura, um deles coça a cabeça.

— Que tens? Piolhos? — pergunta-lhe o outro.

— É verdade, tenho — diz o primeiro.

— Então vou dar-te um remédio infalível — responde o outro. E explica: — Deitas na cabeça um pouco de pimenta em pó e uns grãos de areia.

— E isso que faz? — pergunta o primeiro.

— É muito fácil de perceber: os piolhos com a pimenta espirram, batem com a cabeça nos grãos de areia, e... morrem!

★

Numa reunião, um grupo de pessoas conversa. A certa altura, fala-se de casamentos.

— Eu não me preocupo em procurar noivo — diz uma senhora. — Pois os casamentos estão todos escritos num livro, no Céu, e o que tiver de ser será.

Comenta um solteirão, com ar desiludido:

— Então, se isso é verdade, o meu deve estar escrito na última página!...

## O AMANHECER

*De manhã, ao acordar,  
veio o sol de um novo dia.  
Um olhar que me fascina  
Um sorriso de alegria.*

*Uma paz que é serena,  
Uma mão que nos ajuda,  
Um lugar na sociedade  
E um pouco de ternura.*

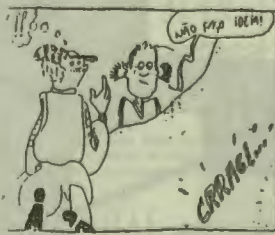
*O nascer de um novo dia,  
O abrir de um coração,  
O ralar de nova luz,  
Um gostinho de Ilusão.*

*Um querer tão mais sem fim,  
Uma lembrança no olhar,  
Uma lágrima escondida,  
Até à hora chegar,*

*Um sentimento profundo,  
Um coração que 'inda espera,  
Um amor tão mais sem jeito,  
Um sonho de primavera!*

MARIA DE FÁTIMA ANTUNES

(Continuado do número anterior)



(Continua)

# CARTAS AO DIRECTOR

Rio de Janeiro, 19 de Outubro de 1989  
Prezado Armando

Eu chegava de Terezópolis, onde todos os anos passo os dias 13, 14 e 15, nas comemorações em louvor de Santa Tereza d'Avila, e o correio entregou-me o nosso jornalzinho.

Como é hábito, li-o de fio a pavio, e fiquei ciente do que se passa em nosso Fão. Várias notícias agradáveis e a tristeza do falecimento do Abel Torres. Telefonei para o Carlos Cardoso e fiquei ao par do ocorrido, com o pedido de desculpas por não me ter avisado. Isso é natural nessas ocasiões do inesperado.

Aproveitei então de perguntar-lhe pelos antecedentes do Manuel Faraó, pois tanto o Carlos; que chegou aqui em 1926, como eu, em 1927, já encontramos o botequim sob a direcção do Elias Ala e da Arminda Turra, onde o Carlos também foi morar, pois na verdade estes foram os seus antecessores, e portanto é botequim o mesmo do perfil. Portanto tua descrição estava perfeita, e parabéns aos informantes Adelino Saraiva e Artur Sobral, que por sinal contaram alguns detalhes que eu desconhecia. Apenas a acrescentar, de que durante muitos anos os fangueiros falaram bem do Faraó, porque o Ala não era tão moderado como ele.

Meus parabéns também ao sr. E. Real descrevendo a vida de «Francisco, o pobrezinho», de Assis, que para nós tem uma importância em nossa vida e que desconhecemos, pois não sabemos que todos os dias 3, 4 e 5 de Outubro passamos em Assisi (Assis) na Itália, e os dias 13, 14 e 15 de Outubro em Ávila, na Espanha, nas comemorações de S. Tereza, onde infalivelmente vamos todos os anos aqui em Terezópolis, e quando por aí estamos, em Ávila. E para melhor falar sobre Francisco de Assis, estou enviando a Sua Prece, que em nossa Sociedade é a canção da abertura de nossas reuniões, sob a orientação Espiritual de S. Francisco. Como o Espírito não morre, as Suas

directrizes são ditadas constantemente, e em virtude disso, minha esposa lá atende a dezenas de cartas que nos chegam da Espanha, algumas da Suíça, França, Alemanha, Bélgica, etc., sem contar com as de Portugal e de quase todos os países da América do Sul e até dos Estados Unidos e Califórnia.

E envolvidos neste trabalho de intermediários entre o *invistível* e o no Planeta, sentimos as manifestações e os problemas da humanidade, mesmo contra aqueles que não creem nas Orientações Divinas.

Jesus, Francisco de Assis, Tereza d'Avila, até Bernardete, Terezinha de Lisieux e os Pastorzinhos de Fátima, foram contestados, como foram Copernico e Galileu quando afirmavam que a Terra era redonda e girava em torno do Sol.

Se a saúde de minha senhora não piorar, e se Deus quiser, em 90 estaremos por aí.

Abraços para todos vocês do fangueiro e amigo

Armando Caramalho

★

As palavras são uma linguagem que sempre existirá, embora nem todos a possam compreender. Neste momento, agradecendo ainda as palavras extremamente felizes, ditas após a morte de meu pai, também eu, agora, anónima entre anónimos, mas solidária com todos, desejo que todos em geral e cada um em particular tenham um santo Natal e que continuem na vossa luta diária com ânimo, sem rancores, nem discriminações. Mas sempre oportunos e sabendo denunciar tantas injustiças que muitos por conveniência calam.

Um grande abraço cheio de fraternidade da

M.ª do Sameiro

## Deabalada para a Austrália

Cristiana, aquela moça simpática das Paideiras, foi para a Austrália.

Empregada na recepção do Hotel do Pinhal, aí conheceu o Paul que era também uma simpatia de moço. Pois ver-te e amar-te foi obra de momento e os dois jovens passaram a estar sempre juntos. Para poder estar perto da sua Dulcineia, o Paul foi aceitando toda e qualquer colocação. Quer no Hotel do Pinhal quer no Fernando Mendanha, revelou-se um trabalhador sério e dedicado.

Mas a Austrália acenava de longe com lenço verde, cor da esperança, aos jovens namorados. Era a terra prometida. Lá estavam os pais do Paul. E assim abalaram há poucos meses, envoltos num manto de sonho e de esperanças.

Já chegaram notícias deles. Estão muito bem, muito obrigados. Ele entrou para uma companhia de aviação como controlador aéreo. Ela, a Cristiana, recebeu poucos dias após a sua chegada, uma carta do Ministério dos Negócios Estrangeiros a desejar-lhe boas-vindas. *Welcome*. Está já a tirar um curso de computadores. É o que está a dar.

Vivem muito felizes.

E que tenham muitos meninos.

## NOTÍCIAS DA CÂMARA

O vereador dr. José Barros pediu suspensão do mandato por seis meses.

O Presidente da Câmara nomeou vereador a tempo inteiro o dr. Albino Penteador Neiva e delegou competências no mesmo dr. Albino Neiva e no eng. Adelino Marques.

Foi atribuído à Associação de Esposas de um subsídio de 1000 contos.

O júri para atribuição de bolsa de estudo será constituído pelos vereadores eng. Adelino Marques, dr. Albino Neiva e dr. José Armando.

## PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS  
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.ª — Telef. 672295 - 672450  
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZÉNS:

Rua Roberto Ivens, 903 — telef. 930647  
4750 MATOSINHOS

## Dicionários EDITORA

A nova coleção «Dicionários Editores» acaba de ser reintegrada com a publicação da 8.ª edição do *Dicionário da Língua Portuguesa*.  
Uma obra inovadora para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto da especialidade generalizada, como da especialidade etimológica, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento da aplicação de palavras e locuções estrangeiras.

O Dicionário de Língua Portuguesa — 8ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua da Restauração, 365/4099 PORTO CODEX  
Livraria ARNADO, LDA. Rua de João Machado, 9-11/Apar. 375/3007 COIMBRA CODEX  
EMP. L. RUMINENSE, LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8-A/1200 LISBOA

# DE APÚLIA

**ÓBITOS** — No lugar da Areia, faleceu o senhor Manuel Ferreira da Costa, nascido em 01/06/904, filho de Bento Ferreira da Costa e de Rosa Moreira de Barros.

O extinto, que faleceu no dia 10 do mês de Janeiro, último, era viúvo de Lucinda Moreira dos Santos.

— Também no lugar da Areia, no dia 28 do mesmo mês, faleceu a Senhora Alexandrina Ribeiro da Silva, viúva de Manuel Alves Algre, nascida em 10/06/908, filha de Camilo Ribeiro da Silva e de Teresa Joaquina da Conceição.

— Ainda no lugar da Areia, faleceu no dia 29 do referido mês de Janeiro, o senhor Eduardo Jorge Duarte da Fonseca, casado com Maria da Piedade Silva Cainhos da Fonseca, nascido em 9 de Março de 1928, filho de Eduardo António da Fonseca, e de Margarida Gomes Duarte da Fonseca.

O extinto, que era natural da freguesia de Cedofeita, da cidade do Porto, era descendente de uma ilustre família que há anos se arreigou nesta terra.

Os pêsames deste jornal para todos os familiares.

**DEPENDÊNCIA BANCÁRIA EM APÚLIA** — Vai abrir brevemente, possivelmente ainda durante o mês de Fevereiro, uma sub-Delegação do Banco FONSECAS e Burnay, de Esposende, na Avenida da Praia, junto ao Largo da Senhora da Guia, local ideal para este, há muito desejado serviço público.

Por informações idóneas, essa sub-gerência vai estar sob a responsabilidade de dois qualificados profissionais daquela Agência Bancária, muito conhecidos e estimados em Apúlia, o que desde logo lhe confere muita credibilidade e a certeza de muitos e bons êxitos.

**ESCOLA C + S DE APÚLIA** — Já começou a primeira fase das obras de construção da Escola C + S de Apúlia, e que deve estar pronta em Setembro, próximo. A segunda fase, que não afectará o início das aulas no ano lectivo 1990/1991, arrancará logo de seguida.

O imponente edifício, que importará em

cerca de trezentos mil contos, e os respectivos espaços livres, vão ocupar uma área próxima dos vinte e sete mil metros quadrados, e situa-se nos terrenos a norte do cemitério, da estrada da Prala à estrada do Casal.

Um grande melhoramento que muito irá beneficiar a Vila de Apúlia.

**OS 40 ANOS DA ESTAÇÃO RADIONAVAL DE APÚLIA** — Completou 40 anos de existência a Estação Radionaval de Apúlia. A efeméride foi comemorada condignamente, com um vasto programa de cerimónias, umas dentro dos seus muros, outras oferecidas à população, como homenagem daquela Unidade Militar às gentes de Apúlia, como o atesta o concerto musical da Banda da Armada, no salão Paroquial, as conferências, os colóquios, as evocações e as homenagens.

**O NOVO VISUAL DO LARGO DA SENHORA DA GUIA** — Muito louvavelmente, os novos autar-

cas de Apúlia, estão a embelezar o largo da Senhora da Guia, sem grandes dispêndios e sem grandes alterações. Os novos globos e a côr da sua luz pública vieram embelezar a chamada sala de visitas de Apúlia. Não há dúvida, o seu aspecto, agora, é outro, para melhor.

Resta agora completar esse novo visual, com a substituição do inestético, e até perigoso, globo e sua estrutura, que se encontra no eixo da via em frente da Capela.

**FUTEBOL** — O último resultado: Lousada, 0 - Apúlia, 0. Bom resultado? Cremos que sim. O Lousada é sempre candidato aos primeiros lugares. E a jogar em casa é ainda mais difícil.

Parece que o Apúlia já jogou melhor, mas está ainda distante daquilo que pode fazer.

No próximo domingo (até que finalmente, um jogo ao domingo à tarde) vai ter lugar o grande jogo: Apúlia - Fão, que são só os dois primeiros classificados. Nesse dia, vai ficar escrito, preto no branco, qual dos dois é o melhor.

Que seja um bom jogo de futebol e também de civismo. Dentro e fora do campo.

**NOTA** — Poderá liquidar a sua assinatura no Café Girassol.

## ESPOSENDE

## NOTÍCIAS VÁRIAS

**RÁDIO EM ESPOSENDE** — Foi publicado no dia 23 de Dezembro último, na II Série do Diário da República o Despacho que concede o alvará de exercício de actividade de Radiodifusão Sonora a «jornal de esposende».

Esta estação regional de rádio, deve começar as suas emissões no princípio do 2.º semestre/90.

Esperamos que esta Rádio Emissora, tenha os maiores sucessos na região e que o seu contributo, para o desenvolvimento cultural, desportivo e político seja de louvar.

Os partidários do PSD/PPD e apoiantes de Alberto Queiroga Figueiredo para a presidência da Câmara, festejaram com alguma pompa a vitória alcançada nas últimas Eleições Autárquicas de 17 de Dezembro/89. Com efeito, muitos foram os convivas participantes, destacando-se entre eles alguns dos mais destacados políticos do plano nacional como o Esposendense Eng. Oliveira Martins.

Sendo um convívio para festejar a vitória dos PSP/PPD para a Câmara de Esposende e Junta de Freguesia de Fão, não nos causou grande surpresa verificar a presença de alguns apoiantes dos candidatos derrotados nas Eleições, ou seja apoiantes do dr. Juvenal Silva e do dr. Joel Matos.

Não participamos no jantar convívio, por afazeres profissionais, mas tivemos o privilégio de assistir à recepção dos muitos convivas, onde registamos os até então não apoiantes da lista vencedora.

Parabéns ao PSD/PPD e aos seus apoiantes, pela magnífica vitória.

Alberto Queiroga Figueiredo é para já o Presidente Ideal para a Câmara de Esposende, senão vejamos:

— Quando candidato o novo presidente prometeu resolver o problema com que se debatiam cerca de quinze funcionários da Câmara que não tinham a sua situação profissional como trabalhadores da Câmara defendida os mesmos viram os seus postos de trabalho assegurados, com a eleição do novo presidente.

Outros postos de trabalho, fora da Câmara, estão em vias de ter uma solução viável, quase uma centena de pessoas que perderam o seu posto de trabalho por falência da firma onde trabalhavam, vão poder continuar a sua actividade dentro em breve e continuar a sonhar com aquele futuro que todos ambicionamos.

Uma personalidade forte e equilibrada é o perfil que mais admiramos no novo Presidente da Câmara, sr. Alberto Queiroga Figueiredo, que como prometeu na sua campanha, a criação de novas unidades industriais e as respectivas bases de apoio para a sua viabilização, seria a grande luta que travaria durante o seu mandato.

Queremos acreditar que o Presidente da

Câmara será bem sucedido neste seu esforço.

**DESPORTO** — A A. D. Esposende tem feito esta época uma notável campanha em todas as suas secções de futebol: Seniores, Juniores e Juvenis. Seguem no 1.º lugar dos respectivos campeonatos.

JOSÉ M. VASSALO

## PAGARAM A ASSINATURA

1986 — Dr. José Alberto Costa e Silva, Esposende, 500\$00; Sebastião Gonçalves Didier, França, 1000\$00. 1986/87/88/89 — Manuel Estêvão de Oliveira, Braga, 2000\$00; Eng. Fernando Ribeiro da Silva, 2000\$00; Manuel Sequeira Mendonça, Porto, 2000\$00; Manuel Gonçalves de Carvalho, Vigo, 2000\$00. 1986/87/88/89/90 — Valdemar Faria, Fão, 2500\$00; Manuel da Cruz Pimenta, Esposende, 2500\$00. 1987 — António Gomes Lopes, Fão, 500\$00; António Francisco Oliveira Carreira, Fão, 500\$00; Arlindo Lopes Cardoso, Fão, 500\$00. 1987/88/89 — Mário Fernando Cardoso e Silva, Brasil, 3000\$00; Manuel José Ferreira, Fão, 2000\$00; Arq. Júlio de Oliveira, Fão, 3000\$00; Arq. Júlio Alves José Cardoso Oliveira, Fão, 1500\$00; Companhia Brasileira de Tecido, Brasil, 3000\$00; Eng. Miguel Cardoso e Silva, Lisboa, 1500\$00. 1988 — Eng. Pedro Manuel Carvalho de Matos, Porto, 600\$00; António Soutelo, Fão, 500\$00. 1988/89 — Café Canadá, Apúlia, 1000\$00; Dr. Rui António F. de Agonia Pereira, Lisboa, 1000\$00. 1988/89/90 — Ernesto Alves Magalhães, Fão, 1750\$00. 1989 — Américo Carvalho, França, 1000\$00; D. Virgínia Alves Carvalho, Porto, 500\$00; Manuel Boucinha Fernandes, Apúlia, 1000\$00; Farmácia Apuliense, Apúlia, 500\$00; Félix Leite, Brasil, 1000\$00; Rufino Soares, Fão.

## JUNTA DE FREGUESIA

Os elementos da Junta são os seguintes: Presidente - Fernando Vilar (Pieira); Secretário - Joaquim Novais; Tesoureiro - José Artur Saraiva Marinho.

Aos novos autarcas desejamos felicidades. Parece-nos ser gente de trabalho, com sensibilidade e sem medo. Já começaram a dar provas.



### ENTRE PINHAL E MAR, JUNTO AO RIO...

É na Costa Verde, em pleno coração do Minho, na orla do frondoso pinhal de Ofir e frente ao belo estuário do Rio Cávado, a escassos minutos a pé do extenso areal da praia de Ofir.

É nesta soberba paisagem, uma das mais belas do país, onde a fragrância dos pinheiros se une ao ar marítimo, impregnado de iodo, ambiente ideal para repousar e passear, que se ergue o

### HOTEL DO 'PINHAL' ☆☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE  
TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857  
(nova Gerência pelos proprietários)

Um hotel de 1.ª classe. Com quartos. Bares. Restaurantes com especialidades minhotas. Terrazas. Jardins. Relvados. Piscinas. Ténis.

# ÁFRICA, ADEUS

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

(Continuado do número anterior)

«Sr. Chefe, estou aqui por causa daquele homem que lhe falei. Conforme o senhor mandou, dei ordens ao Soba para que procurassem o homem, e apareceu-me agora a dizer que o encontraram morto. Ora eu não sou estúpido para acreditar numa história dessas, portanto eles mataram-no, essa é a minha opinião.

Trago-lhe aqui o Soba e o pai dele e o senhor fará o que entender».

«Cipaio» — chamou o Chefe. Imediatamente o cipaio apareceu à porta do gabinete. «Vai lá fora e traz-me aqueles dois homens que estão no carro do sr. Ramos». «Sim meu Chefe», respondeu o cipaio ao mesmo tempo que se retirava para cumprir a ordem.

Pouco depois o cipaio entra com os dois homens.

«Tu é que és o pai do Francisco?», perguntou o Chefe ao velho Mutange. «Então o que foi que aconteceu ao teu filho?»

Então o velho Mutange na sua linguagem meio português, meio Kimbundo, tentou explicar que o seu filho já há muito tempo estava doente e resolveu ir para o outro lado do Dange pois tinha lá família. Meteu a roupa na maleta e foi para lá. «Nós não o procuramos porque pensávamos que ele estava lá com a família. Só depois que o sr. Ramos nos mandou procurá-lo, é que nós fomos encontrá-lo morto, já a cheirar muito mal».

O velho calou-se. O Chefe dirigiu-se para mim. «Como vê, sr. Ramos, se é o próprio pai que diz que o filho morreu, é porque é verdade».

Levantei-me da cadeira e respondi: «Não posso acreditar que o sr. Chefe acredite nessa história».

O Chefe deu ordens ao cipaio para levar os homens para fora, ficando só comigo no gabinete. Ficou por momentos calado como que a raciocinar. Depois dirigindo-se para mim: «Sr. Ramos, já viu o trabalho que isso nos vai dar? Eu teria que levar lá o delegado de saúde para fazer autópsia, depois levantar autos, etc. ... Sabe uma coisa? Que se matem todos e que nos deixem em paz. Enquanto o problema for só entre eles, do mal o menos.

O Sr. Ramos fará o favor de ir lá amanhã ver o corpo e logo vê se apresenta ferimentos, ou qualquer vestígio de agressão».

«Eu?», respondi energeticamente, «mexer

num corpo morto há mais de oito dias, já meio pôdre. Nem pensar. Eu não tenho temperamento para isso».

«Você leva o seu enfermeiro e ele que veja, e se não encontrarem nada, mande-o enterrar».

O Chefe acompanhou-me ao carro, e dirigiu-se ao Soba e ao velho: «Vocês amanhã vão com o senhor Ramos mostrar onde está o corpo e ele vai ver se ele morreu ou se o mataram, e tu enfermeiro ajudas o sr. Ramos a ver se há facadas no corpo, está bem?»

«Sim, senhor Chefe», respondeu o enfermeiro.

Despedimo-nos, entrei no carro e arranquei em direcção a Vista Alegre. Pelo caminho não podia deixar de pensar: «As autoridades não querem trabalho. Endossam toda a responsabilidade para mim. Mas quem sou eu para poder julgar se um corpo teve porte natural ou violenta? Ainda por cima é o popvo do Kaiaka que vai ficar revoltado contra mim, enquanto as autoridades se deixam comodamente de fora. O Soba, ao chegar à Sanzala, dirá que o Chefe acredita na história deles. O Ramos afinal é que é o mau, porque está a arranjar problemas ao povo».

Isto era uma realidade que eu tinha que ter em conta. «Mas afinal o que é que os portugueses estão a fazer em Angola: Não será em missão civilizadora? Reprimir tudo o que for formas de violência e ensiná-los a respeitarem-se uns aos outros? Isto para mim parecia-me uma questão sagrada. Bem sei que sozinho não posso mudar o mundo. É preciso que todos dêem a sua quota parte para a construção de um mundo melhor».

Eu ia agarrado a estas considerações enquanto a viatura percorria a distância até Vista Alegre.

Ao chegar, os seus habitantes olhavam o carro muito admirados. Não dei grande importância a este pormenor e fui parar o carro à porta de uma das lojas pertencente à Roça. Entrei na loja e perguntei ao empregado: «Sr. Machado, as minhas filhas já foram a para a Roça?» «Já, sim. O Jorge foi levá-las na carrinha». «Está bem», agradei. Dispunha-me a sair, quando o empregado me chamou a atenção; «Sr. Ramos». Voltei-me. «O que há?» «Já sabe que toda a população do Kaiaka abandonou a Sanzala e se refugiou nas matas?» «Mas porquê?», perguntei. «Ao que parece eles têm medo de represálias pela morte do Francisco». «Mas isso só demonstra que eu tenho razão», respondi.

«Claro que tem razão, já ninguém tem dúvidas a esse respeito. Não há dúvidas que mataram o homem, mas você terá que ter muito cuidado».

Entre no carro e dirigi-me à Roça. Ao passar na Sanzala Kaiaka, parei o carro e mandei descer o Soba e o velho Mutange. Não se via ninguém no povoado, mas eu tinha a certeza de estar a ser observado através da floresta que circundava o posto.

«Soba, amanhã às nove horas, tu e o velho estejam na Roça para irmos ver o corpo».

Os dois velhos concordaram, e eu segui viagem para a Roça.

(Continua)

## AUMENTE O SEU COLESTEROL!

Ora viva! Então como vai o vosso colesterol com este friozinho? Vamos dar-lhe umas coisinhas mais ricas em calorías para ele dar a costumada subidinha?...

### PÃO DE PEIXE

Peixe — 500 gramas.  
Miolo de pão — 250 gramas.  
Margarina — 125 gramas.  
Ovos — 2.

Coze-se o peixe, tiram-se as espinhas e a pele, e esmaga-se muito bem. À parte, desfaz-se em água, num tacho, o miolo do pão, até ficar numa papa.

Mistura-se o pão ao peixe, junta-se a margarina, as gemas e por fim as claras batidas em castelo, temperando-se, então, toda a mistura com sal.

Unta-se muito bem uma forma com margarina, deita-se-lhe a mistura, e vai ao forno a cozer em banho-maria, cerca de uma hora.

Fica muito bem servir este pudim acompanhado de molho de tomate.

★

E, neste tempo de gripes e conseqüente necessidade de aumentar a vitamina C no organismo, vamos fazer um

### DOCE DE ABÓBORA DA NÂNÁ

Por cada quilo de abóbora (de preferência bolina):

600 gramas de açúcar.  
Raspa de uma laranja.

Põe-se a abóbora, a raspa da laranja, o açúcar e um pau de canela a ferver, mexendo frequentemente, até ganhar ponto.

Deita-se em taças e polvilha-se com canela.

E por hoje é tudo.  
Um abraço da

TIA MARIQUINHAS.

## Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas — Delegação em Braga

*Estão abertas as inscrições para os Cursos de Língua Francesa, Inglesa e Alemã que a Delegação de Braga do Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas, em cooperação com a Organização Mundial das Migrações, vai realizar no Distrito de Braga.*

*Os cursos são gratuitos e os destinatários são familiares de Emigrantes e, bem assim, todos quantos tenham de cumprir contratos no estrangeiro ou estejam em condições de poder emigrar.*

*Os locais de realização dos cursos serão determinados em função das residências ou zonas de trabalho da maioria dos candidatos inscritos nos respectivos cursos.*

*A idade de admissão nos cursos é de 18 anos, e o horário das aulas será em conformidade com as disponibilidades dos candidatos, após o normal período laboral.*

*As inscrições têm de ser endereçadas à Delegação em Braga do Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas, sita na Av.ª da Liberdade n.º 168 1.º D.to - Telef. 79842 - Telex 32734, até ao próximo dia 9 de Fevereiro de 1990*

## Longa Vida



o que é bom da natureza

## DE VISITA

Tivemos o prazer de cumprimentar em Fão o nosso prezado conterrâneo e assinante Boaventura Peixoto, vindo do Canadá. Boa estadia.



# FOLHA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



## CULTURA PRÁTICA DO MARACUJÁ

(Continuado do número anterior)

Os afídeos, sugando a seiva das folhas novas, ocasionam um característico enrolamento e enrugamento das mesmas.

O ácaro vermelho ataca com mais intensidade, amarelecimento e queda prematura das folhas, podendo, em casos de grande infestação, ocasionar a completa desfolha da

Planta, seguida da murchidão e queda dos frutos ainda verdes.

Para combater a *mosca dos frutos*, os percevejos, os afídeos e as lagartas poderão utilizar o *DECIS* uma dosagem de 50 c. cúbicos em 100 litros de água ou o *THIODAN* à razão de 250 a 350 c. cúbicos em 100 litros de água.

Qualquer destes produtos deve ser aplicado em pulverização a alto volume.

Para o combate ao *ácaro vermelho* convém usar o *ACARICIDA HOECHST* à razão de 200 a 250 c. cúbicos em 100 litros de água.

Importa não esquecer que o combate aos inimigos do maracujá é bastante complicado, pelo facto dos frutos serem colhidos ao longo do ano e haver o perigo de se poder intoxicar o consumidor. Para evitar que se consumam frutos contendo resíduos tóxicos — o que a lei pune com mão firme — recomenda-se que a colheita seja realizada, somente, após a passagem do período de segurança — de 1 semana.

### 7 — DOENÇAS

Poucas são as doenças conhecidas do maracujazeiro. Existe, contudo, uma *fusariose* (*Fusarium crysporum f. passiflorae*) que ataca o maracujá roxo (o amarelo é resistente), caracterizada pelo amarelecimento das folhas novas, enquanto as folhas mais velhas permanecem normais. Ocorre então a murchidão que normalmente envolve a planta toda, ocasionando a sua morte entre 24 a 48 horas.

Como não existe nenhum tratamento curativo torna-se necessário proceder à desinfeção das sementes, como foi aconselhado no ponto 4.1.

Após a verificação do ataque deste fun-

go, recomenda-se a pronta eliminação das plantas afectadas; tendo em vista evitar a transmissão da doença por contacto das raízes, é de toda a conveniência eliminarem-se, também, os pés vizinhos, mesmo quando aparentemente são.

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Aduos Químicos • Insecticidas  
Sementes Hortícolas • Batata de Semente •  
Importador Exportador

SEDE  
A-Ver-o-Mar ☎ 681765 ..... PÓVOA VARZIM  
FILIAL  
R Filipa Borges ☎ 812199 ..... BARCELOS

A *alternária* (*Alternaria passiflorae*) é uma doença que origina, nas folhas, manchas pardo-avermelhadas, concêntricas, ocasionando subsequentemente a queda das mesmas. Nos frutos afectados nota-se a presença de áreas necróticas deprimidas, de forma circular e de cor pardo-a-vermelhada, que embora não afectando a polpa os tornam impróprios para a indústria de sumos; esta infecção só se dá após o fruto em fase de meio desenvolvimento.

O controlo desta doença pode ser conseguido por meio de *pulverizações quinzenais* com «Korgo» na base de 250 g para 100 litros de água.

### 8 — COLHEITA

Em geral, os maracujazeiros começam a produzir um ano depois da plantação, sendo necessários, em média, 70 dias após a polinização para que se dê a maturação dos frutos.

O facto da maturação dos frutos se processar ao longo do ano, e muito especialmente entre Março e Outubro torna a colheita uma das operações mais caras da cultura, mesmo levando em conta a sua simplicidade.

Recomenda-se a colheita dos frutos completamente maduros quando para consumo imediato. Considerada a necessidade de os submeter a transportes demorados, os maracujás devem colher-se parcialmente verdes, de forma a que só quando cheguem ao local de comercialização tenham atingido a coloração natural inerente à maturação, para que possa obter-se um sumo com características idênticas ao extraído dos frutos colhidos maduros.

Há investigadores que aconselham a limitação da colheita aos frutos caídos, pois só

(Continua na pág. 10)

# Basta

## a melhor alternativa

**Herbicida total**

**Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança**

Para mais esclarecimentos consulte o  
Departamento de Agricultura da  
Hoechst Portuguesa S.A.

Apartado 8 2726 Mem Martins Codex  
Telefone 9 21 21 60

Filial: Av. Sidónio Pais, 379  
Apartado 1311  
4201 Porto Codex  
Telefone 66 70 51

Hoechst — um amigo  
na agricultura

Hoechst

(Continuado da pág. 9)

nesta ocasião se podem considerar realmente maduros. Se assim se proceder é de todo o interesse que esta operação se realize uma a duas vezes por semana. Na circunstância, dado que o fruto começa a secar, importa vendê-lo rapidamente, sobretudo quando a sua comercialização se faça com base no respectivo peso.

PRUTHI recomenda a colheita dos frutos com pedúnculo de 0,5 cm de comprimento, pois, segundo afirma, haverá menor perda fisiológica de peso, bem como menor ataque de fungos, quando o armazenamento, do que no caso do maracujá ser apanhado após ter caído de maduro.

**9 — ARMAZENAMENTO E EMBALAGEM**

Colhidos os frutos, devem estes ser colocados em locais frescos e bem ventilados para que a perda de peso seja diminuída; segundo PRUTHI, os frutos maduros armazenados durante uma semana, à temperatura ambiente (24 a 33° C) e a uma humidade relativa de 55-70%, sofrem uma perda de peso de 34,5 + 1,12%. Passado este tempo os frutos começam a murchar e a polpa principia a fermentar, dando-se início ao ataque de fungos.

Pretendendo-se uma conservação para além de uma semana, recomenda-se a temperatura de 5,6-7,2° C conjuntamente com uma humidade de 85-90%; a vida normal dos frutos sob estas condições atinge as 4-5 semanas. Temperaturas inferiores ocasionam lesões — manchas de coloração vermelho-sangüíneo — seguidas de emurchecimento e do ataque de fungos.

Conservando os frutos dentro dos condicionalismos anteriores, colocando-os em sacos de polietileno tratados com uma solução de fenol a 5% e armazenando-os em caixas sujeitas ao mesmo tratamento, consegue-se um máximo de protecção contra a perda de peso e contra o ataque dos fungos, embora afectando um pouco a palatabilidade do sumo.

Também o revestimento dos frutos com um impermeabilizante — parafina graxa — determina menor perda de peso e melhora o seu aspecto.

Confrontando o maracujá amarelo com o roxo, diremos que este suporta melhor o armazenamento, quer porque sofre menor perda de peso, quer porque é menos sensível ao ataque dos fungos.

Os melhores tipos de embalagem para exportação são, de preferência, caixas de cartão, com as dimensões externas de 40x30x14 cm, para acondicionar 12 dúzias de frutos, dispostos em 3 camadas, equivalentes a um peso bruto de cerca de 6 Kg (valores referentes ao maracujá roxo).

**10 — PRODUTIVIDADE**

A produtividade desta planta é muito variável, não só devido às condições ecológicas (solo e clima) a que está submetida, mas também, dentro dum mesmo local, em função da espécie cultivada e das técnicas culturais seguidas.

Dentro da técnica descrita considera-se como possível, entre o segundo e o quarto ano, atingir a produção de 4 a 8 toneladas por hectare, tendo o maracujá roxo tendência para o limite inferior, enquanto o amarelo tenderá para o superior.

**11 — MANEIRAS DE CONSUMIR E APROVEITAR A POLPA, AS FOLHAS E AS SEMENTES**

A polpa do maracujá é macia, agridoce e muito saborosa, encontrando-se intimamente ligada às sementes.

Os frutos são consumidos quer ao natural, quer depois de transformados. Da industrialização podem obter-se sumos naturais, nectares, xaropes, concentrados, sorvetes, geleias, doces, etc.

Para além dos frutos a planta admite outros aproveitamentos, pois toda ela é rica em açúcar (glicose) e as suas folhas, com elevada percentagem de tanino, têm propriedade desobstruentes, diuréticas e anti-hemorragicas.

A casca dos frutos, sub-produto do sumo, é rica em amino-ácidos e pode aproveitar-se como alimento para o gado ou para a extracção de pectina. Caso não se queira fazer qualquer destes aproveitamentos, pode ainda utilizar-se como adubo, dada a sua riqueza em extracto livre nitrogenado.

**estrela adubo**  
FÁBRICA DE ADUBOS ORGÂNICOS, LDA  
ADUBO CORRECTIVO ORGANQUÍMICO

Composição:		Fertilizante orgânico por 100g	
Nitrogénio (N)	20	0	20
Matéria orgânica (%)	35	0	35
Ácidos totais (H)	2,0	0	5
Fósforo P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> (P)	2	0	5
Potássio K <sub>2</sub> O (K)	1,5	0	5
Calcio (Ca)	20	0	20
pH	6	0	7
C % - 17 a 25			

ESTAMOS DESENVOLVENDO A MINHOCULTURA  
CONSULTE-NOS  
Est. Nac. N.º 2 MUNA - LORDOSA  
Telex 53385 Adubos P  
Tel.: (032) 91282 - 91283  
Apart. 48 Viatro 3500 VISEU

**50Kg KILOS**

Das sementes, por seu turno, extrai-se um óleo semi-secativo que é utilizado na fabricação de sabões, tintas e vernizes; os resíduos desta extracção são óptimas fontes de proteínas, que podem ser aproveitadas para lotar a alimentação animal. As sementes também podem ser ingeridas como vermífugo e sedativo, pois os alcalóides que possuem não deprimem o sistema nervoso central, antes actuando com segurança e relativa rapidez.

**11.1 — PREPARAÇÃO DO NÉCTAR DE MARACUJÁ:**

- 1.º — Escolher, lavar e escaldar as garrafas onde vai ser guardado o néctar; ferver as rolhas de cortiça;
- 2.º — lavar, escolher e reduzir os frutos a sumo, tendo o cuidado de extrair as sementes;
- 3.º — levar o sumo a uma rápida fervura, depois de se lhe adicionar metade do seu peso em açúcar;
- 4.º — engarrafar o néctar, deixando um pequeno espaço vazio na garrafa;
- 5.º — vedar imediatamente as garrafas, tendo em atenção que as rolhas devem ser bem atadas, para que não se soltem na operação posterior;
- 6.º — colocar as garrafas num recipiente por forma a que a água as cubra por completo e fervê-las durante 5 minutos (esterilização);

**CALIBRADORES DE FRUTA** **O. e. I. F.**

**MINI-LINHA COMPACTA**  
Indicada para espaços limitados  
Rendimento de 2.5 - 3 ton/h

CONSULTE A **Sondeca**  
**TEMOS A SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA**  
PARCEIROS — APARTADO 12 — 2401 LEIRIA CODEX • TELFS.: 33 401-34 967 • TELEX 43811 ELIND P • TELEFAX 33693

(Continua no próximo número)

# O MUNDO EM QUE VIVEMOS

por E. REAL

## UM «PRONTO-SOCORRO» CHAMADO VOVÓ

(CHORO DE CRIANÇA. PASSOS APRESSADOS)

— Ob! Meu menino, coitadinho! Tão pequenino e aqui sozinho, a chorar! Ai, estas mães de agora!... Vá, vem ao colinho da Vovó, que te vai nanar e fica aqui contigo. Vá lá, caladinho, sim? Ó-ó, ó-ó, ó-ó...

★

— Vovó, Vovó! Dói-dói, dói-dói! Ai!...

— Ob! Meu menino, coitadinho! Tribaste o dedinho na porta e ninguém te acudia! Onde estará a ama? Ai, estas empregadas de agora!... Vá, isso não foi nada! Vem com a Vovó, que te vai pôr água fresquinha e passa já... Vês? Já não dói. E agora, vamos ver os gatinhos pequeninos, queres?

★

— Vovó, posso entrar? Vovózinha, o menino está muito triste. A Mamã não está cá e o menino não pode dormir. O Papá já ralhou, mas tu não ralhas, não?

— Ob! Meu menino, coitadinho! Acordado e a chorar a estas horas da noite! Vá, senta aqui, na beirinha da cama da Vovó. Tu já sabes que a mamã foi para o Hospital para tirar da barriguinha um bebé pequenino, tão pequenino como tu eras quando peguei em ti pela primeira vez. O Papá já te disse que o bebé é uma menina, mas a Mamã está cansada — sabes que é quase como uma operação — e vai ficar lá uns dias no Hospital a descansar. E tu, meu querido, até a Mamã voltar, podes ficar aqui, a dormir com a Vovó, queres? Vês, como já sorris? Vá, corre a buscar o teu travesseteiro, que amanhã é preciso levantar cedo para ir ver a Mamã e a menina.

★

— Vovó, quero dizer-te um segredo: eu não gosto de estar no Colégio, não quero voltar para lá! O Zézé (e eu que gostava tanto dele!) desde que viú que a mamã me vai buscar e levar ao Colégio, está sempre a fazer pouco de mim, a chamar-me «menino da mamã», e depois todos troçam de mim. Ai, Vovó, tenho tanta vergonha!

— Ob. Meu menino, coitadinho! Tu és muito novinho e sofres, mas eu vou explicar-te, vou falar-te como a um rapazinho crescido: a mamã vai levar-te e buscar-te ao Colégio, não só porque é bastante longe e está muito frio, mas também porque lbe fica a caminho do emprego. Repara que o Zézé também vai de carro, vai o motorista levá-lo e trazê-lo, e no entanto mora muito mais

perto. O problema é outro: é que o Zézé é um menino muito rico, mas muito pobre de afecto. A Mamã e o Papá dele vivem demasiado ocupados para o irem levar ou buscar a qualquer sítio; vai o motorista. Pensas que não vi, quando há dias te fui buscar, o olhar de pena do Zézé quando tu correstepara mim e eu abri os braços, onde te aninhaste, feliz? O Zézé não conhece essa felicidade. Os pais não têm tempo para ele, e isso dói. É essa dor que o torna agressivo. Não faças caso, faz de conta que não ouves. E, se fores capaz, quando houver ocasião, tem para ele um gesto amigo. Combinado?

★

— Vovó, vou dizer-te uma coisa que não digo a mais ninguém: gostava de morrer, a vida deixou de me interessar. É verdade, não sorris! Andava tão feliz, quase a entrar para a Faculdade, com boas notas e a fazer planos para, quando me formasse, casar com a Sofia! Gosto tanto dela, Vovó! Acordo e adormeço a pensar nela, a ela dedicava os meus projectos de futuro; e ela hoje veio dizer-me que estes dois anos de namoro foram um erro, que não sou o seu tipo e que, acabado o Liceu, vai casar com um colega do irmão, acabado de formar em Direito. No domingo já é o jantar do pedido de casamento e eu sem saber de nada! Ai, Vovó, como a vida pode doer tanto!

— Ob! Meu menino, coitadinho! Chora, não te envergonhes dessas lagrimazitas aí a espreitar as canto dos olhos! As lágrimas são salgadas e, assim como o sal é o tempero dos alimentos, elas são o sal da vida, o tempero das horas de alegria que ainda hás-de ter, se não fosse o sofrimento, talvez não soubéssemos dar valor à felicidade, quando ela chega. Hás-de conhecer outras meninas e acabarás por encontrar a mulher certa, podes crer. E o desgosto de hoje preparar-te-á para apreciáres melhor a ventura de então. Os sonhos renovam-se e a vida não pára. Faz o teu curso, cultiva os teus passatempos, e verás que a Avó tem razão. Isso, gosto desse sorriso!... E agora vai-te, tenho que fazer!

★

— Vovó, a Ana e eu viemos despedir-nos. Como sabe, fui colocado em Lisboa e partimos hoje. Sabe, Vovó, somos muito felizes e — quero que seja a primeira pessoa a saber — a Ana vai dar-me um filho. A única sombra na minha alegria é saber que a Avó está doente.

— Ob! Meu menino, coitadinho! A preocupar-se com a sua Avó! Não, filho, não é nada! Estou apenas um pouco cansada. Mas há uma coisa que te quero lembrar: ninguém é eterno e um dia terei que partir. Quero que nessa altura encares corajosamente a realidade. E quero que saibas que, de certo modo, eu ficarei um pouco contigo sob a forma de uma saudade boa, na evocação das nossas conversas, do nosso perfeito entendimento, do Amor de toda uma vida. Agora tens a Ana, que preencherá junto de ti o meu lugar, e tens o teu filho. Eles são o Presente e o Futuro. deixa ao Passado a sua dimensão de Passado. E que Deus vos abençoe... a todos os três, meu filho!

## O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:  
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva  
Maria Emília Corte-Real  
Tia Mariquinhas  
Fernando de Almeida  
Cecília de Amorim  
Dinis de Vilarelho  
José Ramos da Silva  
José Ferreira Neves  
A. Ramos Assunção  
Quim de Fão  
Agonia Pereira

PROPRIEDADE:  
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:  
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
R. de Cima n.º 5 — Fão  
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:  
BINGRÁFICA  
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:  
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

## A BRASILEIRA

PORTO



Nós somos café

## Naufrágios Poveiros desde o séc. XVIII

Já há tempos nos chegou às mãos o opúsculo em epígrafe da autoria do nosso prezado colaborador Óscar Fanguieiro, que é uma separata do Boletim Cultural da Póvoa de Varzim.

Com certa curiosidade lemos a primeira página, depois a segunda e todas as outras sem qualquer interrupção. O essencial da obra é uma abordagem dos naufrágios ocorridos com personagens poveiros a partir do séc. XVIII. O autor não se limita a este âmbito. Imiscuiu-se na vida poveira, «tomou parte» nas manobras que é preciso efectuar nos mares, descreve os vários tipos de embarcações poveiras, alude à diversidade de ventos contrários, «pinta» a enseada da Póvoa, referencia os Socorros a Naufragos com uma alusão aos barcos salva-vidas e à famosa pleiade de mestres: Cego do Maio, Patrás Sérgio, Patrão Lagoa (nomes da metologia marítima poveira. Apresenta finalmente uma relação dos naufrágios a partir de 1706 podendo verificar-se que três deles aconteceram em Fão (1750-1770-1771) e ainda um glossário poveiro relacionado com o mar.

Nota-se em Óscar Fanguieiro, até pela bibliografia apresentada, uma busca rigorosa de fontes documentais. Essa procura e a correspondente veracidade histórica caracterizam toda a obra de Óscar Fanguieiro que aliás se lê com bastante aprazimento. Para comprovar a «amenidade» do livro apresentamos um excerto do mesmo, pág. 33 e seg.: «A imagem do naufrágio estava sempre presente na vida dos pescadores poveiros, com os resultados mais imprevistos.

*Assim aconteceu com meu bisavô paterno (Manuel André Fanguieiro (N. 22/4/1851 e F. 17/3/1900), conhecido pela alcunha de «NINO» e casado com Maria Rosa (FAVAES ou PRAGA), morador na Poça da Barca, junto à Cangosta, que separa a Póvoa de Varzim de Vila do Conde.*

*Segundo contou a sua mulher a uma das netas (a Maria Praga ou do Nino), de quem escutei este relato, ela foi «viúva» duas vezes do seu único homem.*

*Da primeira vez que tal sucedeu, verificou-se que tendo o «NINO» naufragado e não havendo notícias dele, a sua mulher chorou a sua morte e como lhe competia, «deitou o luto», vestindo-se de negro.*

*Entretanto, o Manuel Nino havia sobrevivido e fora salvo por um navio estrangeiro, que em vez de o deixar num porto nacional, o levou até um porto estrangeiro, trazendo-o porém de volta, em nova viagem de passagem pela nossa costa.*

*Haviam passados muitos dias, sem que o presumível «defunto» comunicasse a sua situação, quando após ter sido desembarcado em qualquer porto do norte do país, se dirigiu para a Póvoa de Varzim.*

*Tendo chegado já a altas horas da*

*noite, bem de madrugada, dirigiu-se a sua casa e bateu à porta.*

*Como a mulher perguntou quem batia àquela hora, ele respondeu que era o seu homem e que abrisse a porta.*

*Logo ela pensou que era a «alma penada» de seu homem, que voltara a este mundo com objectivos imprevistos, pelo que não abria a porta.*

*Então ele gritou-lhe que era o seu homem, que não havia morrido no mar e insistiu para que o deixasse entrar na sua casa.*

*Dada a insistência, a mulher reconsiderou e num rasgo de coragem e esperança, abriu a porta e viu com espanto também, que era ele mesmo, o declarado «defunto» homem, em carne e osso.*

*Da segunda vez, ele morreu em terra, deixando-a viúva por um longo período de vinte anos.*

## ROTARY CLUB DE ESPOSENDE VISITA DO GOVERNADOR ROTÁRIO

O Club Rotário de Esposende esteve em festa no dia 12 de Janeiro. Foi visitado pelo Governador do Distrito Rotário 197, Francisco Zamith, natural de Guimarães.

É sempre um acontecimento festivo e por isso aquela agremiação esposendense abriu as suas portas para receber convidados especiais, nomeadamente o Presidente da Câmara, Alberto Figueiredo, e Monsenhor Baptista de Sousa, pároco de Esposende.

O Governador nas suas declarações traz sempre uma mensagem do Rotary Internacional que se procura transmitir aos seus companheiros. Na sua intervenção Francisco Zamith abordou o lema «disfrute rotary» como manifestação de alegria pela vivência rotária que se compraz na contemplação da obra internacional como foi, por exemplo, a campanha Polis-Plus. Nesta campanha parcialmente suportada pelo movimento rotário, há o empenhamento de extirpar do mundo as principais doenças infecto contagiosas.

Monsenhor Baptista de Sousa, um habitué destas reuniões mostrou-se muito à vontade em falar de Rotary e até muito familiarizado com a terminologia rotária. Eloquentemente defendeu o ideal de Paul Harrys ao citar a maxime: «Quem não vive para servir, não serve para viver».

Horácio Lage presidiu àquela animada reunião que teve como protocolo Francisco Brás Marques e a secretária-la Manuel Vicente.

## ALDEIA

Chegou toda risonha a Primavera  
Nas asas transparentes da andorinha...  
Encheu de luz e sons a azul esfera  
E fez da terra verde uma rainha,

Encantado fiquei com a beleza  
Que por todos os lados espalhou...  
E a triste e adormecida natureza  
Com uma nova alma ornamentou.

Ao acordar, as filhas da roseira,  
O sol espreitam de olhos perfumados,  
Bailam as borboletas na pereira,  
Gritam papoilas nos trigais doirados.

As meninas activas da colmeia  
Procuram mel na jarra da campina,  
E enfeitam de brancura a verde aldeia,  
As ovelhas que pastam na colina.

Quem me dera sair pela manhã  
E percorrer os campos orvalhados,  
Aspirar com prazer e aragem sã,  
Ouvir pardais e pombas nos telhados.

Livre correr ao longo das campinas,  
Ouvir cantar as árvores garridas,  
Galgar arfando, montes e colinas,  
E voltar com as mãos todas floridas.

Quem me dera escutar ao fim do dia,  
A ventania no pinhal gemente...  
E ver o sol fazer uma sangria  
No rebanho das nuvens ao poente.

Bordar os rios de cristal, de espuma,  
Sentir a vida alegre e sã da aldeia,  
Contar à noite estrelas uma a uma,  
Ver a meiguice duma lua cheia.

E quando a noite chega mansamente,  
Ouvir o toque de clarim dos galos,  
E dormir embalado, docemente,  
Pelo zunir dos grilos e dos ralos.

DINIS DE VILARELHO

O NOVO  
FANGUEIRO  
FÃO